

mercado

CIFRAS & LETRAS

Biografia diz que Milton Friedman foi deturpado por direita e esquerda

Segundo autora, Prêmio Nobel deveria influenciar conservadores moderados na oposição ao trumpismo

Gabriel Trigueiro

no de janeiro. "Milton Friedman diz o seguinte: se você realmente quiser ajudar o pobre, não crie empresas estatais, bancos públicos, transferência de renda através de vastos ministérios para chegar o dinheiro ao pobre, não. Dê no bolso do pobre a renda mínima, a renda básica. Foi exatamente o que nós fizemos. Quando chegou a pandemia, eu me lembrei disso. Essa foi uma fala do ministro da Economia do governo Bolsonaro, Paulo Guedes, aluno de Friedman durante seu doutorado na Universidade de Chicago, em uma entrevista de 2021.

Quando foi eleito presidente da Argentina, Javier Milei, conhecido por posições como a defesa da extinção do banco central e a dolarização da economia, afirmou que suas ideias tinham uma fonte filosófica respeitável: o economista americano mais famoso da Universidade de Chicago e um dos intelectuais públicos mais controversos do século 20, o Nobel de Economia Milton Friedman.

Mas quem foi Friedman? E qual o escopo e natureza de sua legado? Essas são perguntas a que um livro publicado no fim do ano passado, "Milton Friedman: The Last Conservative", da historiadora Jennifer Burns, da Universidade de Stanford, busca responder. Sua tese é simples e legada



Milton Friedman (1912-2006), Prêmio Nobel de Economia em 1976, durante discurso na Casa Branca. Alex Wong - 8 mai 21/Getty Images/APF

de Friedman foi deturpado ao longo dos anos à esquerda e à direita. Seu objetivo é lançar luz sobre seus argumentos e resgatá-los dos ruídos e mal-entendidos do debate público mais pedestre.

Friedman é conhecido de por sua própria capacidade de comunicação como intelectual público. O mesmo se

aproveita de uma notoriedade por sua própria capacidade de comunicação como intelectual público. O mesmo se

aproveita de uma notoriedade por sua própria capacidade de comunicação como intelectual público. O mesmo se

aproveita de uma notoriedade por sua própria capacidade de comunicação como intelectual público. O mesmo se

aproveita de uma notoriedade por sua própria capacidade de comunicação como intelectual público. O mesmo se

aproveita de uma notoriedade por sua própria capacidade de comunicação como intelectual público. O mesmo se

aproveita de uma notoriedade por sua própria capacidade de comunicação como intelectual público. O mesmo se

ção pública diante da ditadura chilena.

Sob o pretexto de debater ideias, não seu mérito moral, suas implicações políticas são minimizadas pela autora e uma boa-lé é presumida mesmo em circunstâncias históricas indefensáveis.

Durante a ditadura Pinochet, Friedman optou reticentemente por criticar não o governo autoritário que havia acabado de dar um golpe, mas o de Salvador Allende, que havia sido derrubado.

Para Burns, no entanto, a trajetória de Friedman deveria influenciar conservadores moderados na oposição ao trumpismo. Não deixa de ser curioso que ela energe como fonte de moderação alguém que apoiou um regime autoritário e se opôs à luta dos direitos civis.

Há no livro a idealização de um passado no qual haveria um conservadurismo respeitável, anterior à barbárie trumpista. Friedman, no entanto, como a própria autora recorda, foi próximo a Reagan, Barry Goldwater e Richard Nixon — políticos que só poderiam ser classificados como moderados se comparados aos populistas radicais de hoje.

O trumpismo não surgiu do nada e não deve ser entendido como um elemento exótico, mas como o desenvolvimento de algo até então confinado às margens.

Friedman emprestou sua pompa de catedral ao movimento conservador e o legitimou com dignidade intelectual e algum prestígio social: primeiro nos EUA, depois na América Latina e no mundo.

Levando em consideração a relação histórica desse movimento com questões raciais e regimes autoritários, talvez a classificação de Burns obtivesse maior rigor se trocasse "conservador" por "reacionário", afinal.



Milton Friedman: The Last Conservative. Jennifer Burns, Editora Farrar, Straus, and Giroux (276 p.), US\$ 39

Financial Times indica seis livros de negócios para fevereiro



Million Dollar Weekend. Noah Kagan, editora Portfolio (230 p.), R\$ 331,60 e R\$ 25,90 (ebook)

Como o 30º funcionário do Facebook, Noah Kagan já tinha 0,1% das ações da empresa, que hoje valem cerca de US\$ 1 bilhão. Então, em 2006, ele foi demitido. Depois de oito meses deprimido no sofá de um amigo, Kagan percebeu que tinha sido "libertado" pelo seu fracasso. Isso acendeu uma chama em mim para seguir em frente por conta própria", escreve ele. Em "Million Dollar Weekend", Kagan agora quer acender uma chama em você. Kagan lançou oito negócios de milhões de dólares, e o objetivo de seu livro é compartilhar sua metodologia. Mas, antes de tudo, ele diz que todos os aspirantes a empreendedores devem abandonar suas desculpas, perder suas inibições e dedicar um fim de semana para se concentrar em como lançar seu próprio empreendimento. "Apenas comece, p*****", ele exorta. "Million Dollar Weekend" é uma leitura animada que fornece um guia prático passo a passo para fundar um negócio e encontrar o ajuste entre produto e mercado. Embora seu estilo frenético possa irritar alguns, a principal força de Kagan é como um treinador motivacional, desafiando o leitor a dar seu primeiro passo.



Feel Good Productivity. Ali Abdaal, editora Penguin (281 p.), R\$ 365,25 e R\$ 48,89 (ebook)

Ali Abdaal era um médico júnior em um plano de Natal quando sua abordagem disciplinadora a produtividade falhou. O antigo mantra de trabalhar o máximo possível o ajudou a iniciar um negócio, passar na faculdade de medicina e se tornar um influenciador simultaneamente. Mas, como este alegre livro relembra, não era pareço para o caso de uma ala do NHS (sistema público de saúde britânico). Sua solução "revolucionária" é a "produtividade que faz bem". Fazer as coisas, diz, "não precisa significar sofrimento" quando nos divertimos, trabalhamos melhor e de forma mais eficaz. O sucesso "não leva a positividade de Abdaal brilha. Seu estilo contagiante, banco de anedotas e dicas práticas de como abraçar um senso de brincadeira, aproveitar os processos ou tirar um tempo para recarregar, tornam este livro uma leitura fácil. Seu conselho final — experimentar o que funciona para você como um "cientista da produtividade" — é uma tarefa divertida. A abundância de dicas para acessar o fator de bem-estar significa que o livro será útil para muitos leitores também.



The Six Disciplines of Strategic Thinking. Michael D. Watkins, editora Ebury (241 p.), R\$ 494,75 e R\$ 49,79 (ebook)

O advento da IA (inteligência artificial) significa que os líderes empresariais terão acesso a novas perspectivas. Eles também precisarão de novas habilidades para aproveitar essa nova forma de pensar e a mentalidade certa para o momento em que humanos e sistemas de IA trabalham juntos para aprimorar a tomada de decisões. Com o pensamento estratégico agora crucial para os líderes que esperam responder aos desafios, este livro apresenta um guia prático com uma riqueza de insights para diretores em todos os níveis. O autor explica que o pensamento estratégico é uma habilidade que todos podem desenvolver com as ferramentas certas. Ele explora seis disciplinas mentais que constituem uma forma mais moderna de pensar estrategicamente no novo ambiente empresarial global. Os capítulos são complementados com diagramas e exemplos para ajudar os líderes a pensar e contribuir de forma criativa no ambiente de trabalho em constante mudança, usar a inteligência emocional para implementar resultados e se adaptar à inerte relação entre humanos e IA.



The Friction Project. Robert Sutton e Huggy Rao, editora Simon & Schuster (231 p.), R\$ 289,25 e R\$ 102,84 (ebook)

Este é um guia divertido e prático de dois professores de Stanford sobre como simplificar, otimizar e eliminar coisas ruins que atrapalham o trabalho e sufocam a produtividade. Os exemplos de loucura em reuniões e acúmulo burocrático são excelentes. Eles incluem a crítica inicial de Sutton e Rao a um email de 1.266 palavras (com um anexo de 7266 palavras) que eles e seus colegas receberam de seu próprio vice-reitor. Eles escrevem que o email era "prolixo, repetitivo, confuso e cheio de respostas defensivas a críticas passadas". Sutton e Rao apresentam um ótimo argumento para pausar, refletir e ocasionalmente até adicionar obstáculos para evitar decisões precipitadas. Os heróis do livro ainda são os "solucionadores de fricção" — "guardiões de como as pessoas gastam seu tempo" — cujo trabalho de enfrentar ou antecipar obstáculos à criatividade e produtividade é ao mesmo tempo ingrato e interminável. Sutton e Rao fazem uma comparação com cortar a grama. "Manutenção constante é necessária para conter o crescimento das coisas excessivas", escrevem.



Making It in America. Rachel Slade, editora Pantheon (422 p.), R\$ 83,34 (ebook)

O que é necessário para fabricar nos EUA no século 21? Na era da Amazon Prime e da moda rápida, as linhas de produção podem ser eficientes, competitivas e também locais de trabalho humanos? Rachel Slade aborda isso através da história de Ben e Whitney Wawar, jovens empresários que se propuseram a fabricar moletons de origem americana com mão de obra sindicalizada, depois que grande parte da indústria têxtil foi terceirizada para o exterior. O livro oferece um exame da dificuldade de reverter a manufatura nos EUA. Políticas industriais ajudam a impulsionar bilhões em investimentos em fábricas para semicondutores e energia limpa. Mas atrasos nos projetos, escassez de mão de obra e altos custos de construção são sinais iniciais de que esse resurgimento da manufatura não será incolor ou imediato. Também não está claro se trará benefícios tangíveis para a maioria dos americanos. Slade argumenta que os EUA podem não ter escotado a não ser voltar a fabricar coisas. "As pessoas só podem inovar quando entendem completamente, fundamentalmente e completamente como as coisas são feitas".



Not the End of the World. Hannah Ritchie, editora Vintage Digital (341 p.), R\$ 125,77 e R\$ 186,72 (ebook)

Quantas colheitas restam ao mundo? Alegações de fontes como a CNN e o Independent não conseguem decidir se são 30, 60 ou 100 — mas você seria perdoado por pensar que a humanidade vai passar fome dentro de um século. O problema, de acordo com Hannah Ritchie, é que a afirmação é falsa, derivada de fontes não verificadas e estudos mal compreendidos, e distorcida. Ritchie, autodenominada "otimista", faz questão de esclarecer que não é uma negacionista das mudanças climáticas. Em vez disso, "Not the End of the World" pretende ser um antídoto para o hiperpessimismo que permeia o discurso climático. O livro é melhor quando Ritchie desmonta, refuta e contextualiza as alegações pessimistas sobre questões como poluição do ar, desmatamento e pesca excessiva, e oferece sugestões específicas para resolver esses problemas. Vejamos o estado precário do ar de Pequim, relatado durante as Olimpíadas de 2008. A qualidade do ar não melhorou desde então, após protestos que levaram a regulamentações na contra o crescimento e redução de carros poluentes das ruas.